APRESENTAÇÃO PRESENCIAL - III - PSICOLOGIA E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

TEMPORALIDADE E VELHICE:: ENTRE A IRREVERSIBILIDADE E A MEDICALIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA

Diego Silva De Brito (eregoncanhamaque@gmail.com)

O envelhecimento tem sido frequentemente compreendido a partir de discursos biomédicos. Essa lógica é insuficiente, pois não considera as dimensões históricas, sociais e políticas que o atravessam. Em meio a valorização da produtividade, da juventude e performances. O envelhecer passa a ser percebido não apenas como parte do ciclo da vida. O objetivo deste resumo é propor uma reflexão crítica acerca da temporalidade, a fim de compreender como se dá o envelhecimento numa cultura onde se nega a finitude e medicaliza a existência. Heidegger, diz que o Dasein vive para além do tempo cronológico, evidenciando-se a condição temporal do ser, que é confrontado com perdas, morte e a irreversibilidade do tempo. Na atualidade observa-se a neutralização da finitude e prolongamento positivista da vida. As contribuições de Foucault tornam-se centrais para compreender os mecanismos que atravessam o envelhecer. Os dispositivos de saber-poder produzem formas de subjetivação e regulam os corpos através de discursos patologizantes sobre saúde, normalidade e produtividade. A velhice passa, então, a ser

constantemente monitorada por diagnósticos, protocolos de autocuidado e exigências de manutenção da performance física e psicológica. Assim, envelhecer torna-de uma experiência atravessada por abandono, silenciamento e desvalorização social. Beauvoir, evidencia o caráter social e político da velhice apontando uma tensão entre a continuidade de si e o estranhamento diante das mudanças corporais e sociais impostas pelo tempo. A metodologia utilizada para propor essa discussão se dá através de estudo de casos e experiência clínica supervisionada, fundamentada em recortes de atendimentos individuais realizados com pessoas idosas, articulados à abordagem fenomenológica e crítica contemporânea sobre envelhecimento, temporalidade e medicalização da existência. A partir da experiência clínica, observou-se a recorrência de sofrimento associado ao medo de envelhecer e à idealização social da juventude, esses discursos produzem modos de subjetividade marcados por estigmatização e autodesvalorização. Conclui-se que é necessário ter um olhar mais sensível e menos biológico afim de reconhecer o envelhecimento como modo legítimo de existir. Torna-se necessário, portanto, construir práticas clínicas que acolham o sujeito em sua singularidade, sem reduzi-lo a objeto de intervenção técnica, mas compreendendo-o como experiência de tempo vivido.

Palavras-chave: velhice;temporalidade; fenomenologia; medicalização; finitude.